

# A CONSUBSTANCIALIDADE DAS RELAÇÕES PATRIARCAIS DE SEXO, CLASSE E RAÇA NA VIDA E OBRA DE DONA IVONE LARA

*Thallyta Beatriz Bezerra dos Santos Nagel<sup>1</sup>*

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade refletir acerca das imbricações da dinâmica consubstancial das relações patriarcais de sexo, de classe e de raça na particularidade brasileira presentes na vida e obra da cantora e compositora Dona Ivone Lara. A pesquisa bibliográfica exploratória de cunho qualitativo se fundamenta na perspectiva materialista de totalidade da vida social. Entendendo o trabalho como categoria fundante do ser humano genérico, compreendemos a sua centralidade na vida social, que na sociabilidade heteropatriarcal-racista-capitalista possui uma determinada funcionalidade à produção e reprodução do capital. Nesta sociabilidade a sistemática complexa e simultânea de segregações, subordinações e opressões de raça, classe e sexo, fornece os subsídios necessários para sua produção e reprodução alicerçada na exploração que se desenvolve através das divisões, social, racial e sexual do trabalho. Compreendendo tal sistemática, chegamos à conclusão de que as mulheres negras são assim os indivíduos mais afetados pelas determinações desse sistema consubstancial de opressões inerente ao capitalismo, que se aprofunda em contextos de territórios de capitalismo dependente. Deste modo, Dona Ivone Lara enquanto uma mulher negra pertencente à classe trabalhadora de um país marcado por relações coloniais, que se tornou a primeira mulher cantora e compositora destaque no cenário musical do samba, reflete em sua trajetória de vida e obra expressões de particularidades dessa sociabilidade.

**Palavras-chave:** Relações patriarcais de sexo, Divisão sexual do trabalho, Sistema heteropatriarcal-racista-capitalista, Dona Ivone Lara.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [beatrizznagel77@gmail.com](mailto:beatrizznagel77@gmail.com);

## INTRODUÇÃO

A dinâmica da sociabilidade capitalista é estruturada a partir de antagonismos e desigualdades determinantes na manutenção da lógica da exploração do trabalho e da preservação da propriedade privada. Por meio de tais fundamentos, em termos marxianos, se realiza a acumulação e centralização das riquezas socialmente produzidas essenciais ao capital. Para tal, esse sistema desenvolveu uma série de segregações dos indivíduos nas relações sociais de forma a subordinar uns grupos aos outros, justificando assim a sua exploração através do trabalho alienado. Esse sistema de segregações, contudo, não se dá de maneira localizada, mas a partir da consubstancialidade e coextensividade das relações de sexo, raça, e classe.

“Entendemos a palavra “consubstancialidade” como a que melhor traduz a relação de dinamismo em que atuam essas opressões na realidade, em detrimento da “interseccionalidade” que também é bastante utilizada nas discussões feministas. Ao passo que a interseccionalidade define essa relação de opressões enquanto um cruzamento das tais, a consubstancialidade entende que essa relação vai além do cruzamento de alguns pontos, mas se constrói como uma unidade em dinamismo.

Desta forma, concordamos com o a teoria que “pensar em termos de cartografia nos leva a naturalizar as categorias analíticas [...]. Dito de outra forma, a multiplicidade de categorias mascara as relações sociais. [...] As posições não são fixas; por estarem inseridas em relações dinâmicas, estão em perpétua evolução e renegociação” (KERGOAT, 2010, p. 98).

Deste modo, o racismo, as relações patriarcais de sexo e o preconceito de classe cumprem um papel histórico fundamental na produção dessas desigualdades. O racismo marcou profundamente as relações sociais no Brasil a partir da escravidão, onde os/as negros/as eram coisificados/as, transformados/as em mercadoria e destituídos da sua própria condição humana. Séculos após a abolição da escravatura os/as negros/as ainda sentem na pele o peso da ausência de uma reparação histórica: permanecem sendo a população mais marginalizada, mais assassinada, mais pobre e vulnerável do país.

Já as relações patriarcais de sexo vêm desde as sociedades pré-capitalistas determinando o lugar da mulher na divisão sexual do trabalho, naturalizando a sua imposição ao âmbito privado ao passo que ao homem, o âmbito público (de socialização), e a inferiorizando hierarquicamente em seus processos de trabalho,

de modo a estabelecer uma associação entre o que é feminino como algo de menor prestígio, desvalorizado socialmente.

Portanto, a consubstancialidade e coextensividade dessas relações (sexo, raça, e classe) se expressa na formação de um cenário de informalidade e precarização do trabalho feminino, mais acentuado às mulheres negras. Deste modo, a partir da centralidade do trabalho na construção e reprodução da vida social, percebe-se o desdobramento dessas relações na determinação do cotidiano dessas mulheres. A partir desse cenário, é gerado um conjunto de violências racistas, sexistas e heteropatriarcais que atravessam a totalidade das relações sociais, afetando diretamente as condições de saúde física, psíquica e mental das mulheres negras, as levando a um processo de sofrimento, que se expressa, muitas vezes, por meio de silenciamento e submissão.

Entretanto, a cultura como expressão de formas de pensar e agir que compõem a sociabilidade, se apresenta enquanto porta de saída desse sistema opressor e desumano, uma vez que possibilita que representantes de classes subalternas possuam voz na denúncia e enfrentamento da hegemonia capitalista. Por isto, entendemos a importância de se produzir academicamente acerca do assunto, para que a memória e consciência negra possa ser resgatada em todos os âmbitos societários, seja no cotidiano, na produção e reprodução da vida, da arte e do conhecimento.

Deste modo, o presente artigo tem o objetivo refletir acerca das imbricações da dinâmica consubstancial das relações patriarcais de sexo, de classe e de raça na particularidade brasileira presentes na vida e obra da cantora e compositora Dona Ivone Lara. A pesquisa se realizou a partir de uma revisão bibliográfica fundamentada numa perspectiva marxista materialista, isto é, sob o prisma do método materialismo histórico dialético.

## **METODOLOGIA**

Para fundamentar nosso percurso de investigação e produção de dados, compreendemos a concepção de pesquisa e ciência a partir da perspectiva marxista de totalidade da vida social do materialismo histórico-dialético de Marx, por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Mediante uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, nos aportamos em teorias acerca da consubstancialidade das opressões de sexo, raça e classe; da práxis artístico-cultural, bem como da formação social brasileira perpassando a formação do samba enquanto gênero musical e da vida e obra de Dona Ivone Lara.

Utilizamos na construção dessa pesquisa o método científico dialético marxista. Desta forma, entendemos que a realidade é muito mais complexa que as análises sociais que dela podemos produzir. O que buscamos nesse processo é realizar um movimento de máxima aproximação da realidade para então conseguir apropriarmos dos subsídios necessários para realizar um movimento de abstração diante do nosso objeto. Diante desse movimento de aproximação e abstração é que construímos a dialética da teoria a ser construída.

De acordo com o método utilizado, só podemos buscar compreender e aprofundar a realidade a partir dela mesma. Assim, a análise no método de Marx somente pode se realizar partindo do concreto, isto é, de fenômenos que já existem na realidade. Buscando sempre a reprodução ideal do movimento do real. Compreendendo esse método, percebemos que o objeto de estudo tem sua existência de forma independente do sujeito que o estuda. Do mesmo modo, a realidade que o objeto se encontra independe do seu nível de consciência e conhecimento da mesma.

Por conseguinte, se partimos do movimento do real, abarcamos o conceito de Marx de historicidade. Toda realidade concreta possui suas determinações econômicas, políticas, ideológicas e culturais que divergem de acordo com contexto histórico em que estão inseridas. Portanto, a análise construída a partir do método de Marx exige um prévio conhecimento acerca do momento histórico a ser estudado, bem como das relações sociais perante as determinações do sistema capitalista e suas implicações no cotidiano que resultaram na construção histórica daquele momento específico.

Entendemos o exercício da práxis artístico-cultural brasileira, como um resultado da relação recíproca entre as bases materiais que constituem a sociedade e as relações sociais que se desenvolveram durante a história. Analisamos, portanto, a formação social brasileira de acordo com a formação dos fenômenos sociais desencadeados pelo processo de consolidação do capitalismo no Brasil, sendo um destes fenômenos, o surgimento de uma cultura popular em contrapartida à incorporação da cultura hegemônica “universal”, e do samba como sua representação.

A partir deste prisma de análise consideramos a práxis artístico-cultural de Dona Ivone Lara uma prática alicerçada em uma intencionalidade que expressa um sentimento de classe, raça e sexo e, portanto, representa os interesses e problemáticas dos vivenciadas pelos sujeitos imbricados pela consubstancialidade das opressões de sexo, raça e classe no Brasil.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### A consubstancialidade das relações patriarcais de sexo, raça e classe no Brasil

O sistema capitalista, mediante a sociedade de classes, se fundamenta a partir da utilização do Estado burguês para atender suas necessidades de produzir e reproduzir desigualdades, com a finalidade de maximizar as mais diversas formas de exploração da força de trabalho da classe trabalhadora. O racismo é um fator fundante dessas relações de opressão e exploração de forma estrutural nessa sociedade, assumindo um papel fundamental na manutenção da população negra nas condições de maior vulnerabilidade social desde o período escravocrata, por meio de processos de discriminação e exploração.

Considerando que, com o fim da escravidão enquanto modelo econômico, não houve a superação dos padrões políticos e culturais que impõem aos negros e negras os trabalhos mais subalternos os piores salários, as piores condições de vida e moradia, bem como a negação do acesso à educação, saúde, esporte e lazer, entende-se alguns fatores pelos quais o racismo faz parte de maneira institucional, estrutural e fundamental a manutenção da hegemonia capitalista.

O preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como consequências inevitáveis no escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural. (HASENBALG, 1979, p.73).

Devido a esse cenário de segregação, a população negra continuou às margens do movimento social, político e econômico da sociedade brasileira sem acesso a direitos, carregando apenas consigo o fardo da herança deixada pelo período escravocrata que insiste em ser reafirmado e mantido pelos pilares fundamentais do sistema capitalista, a saber, as diversas formas opressões/discriminações.

Entre tais pilares, fundamentais na manutenção da hegemonia capitalista, estão as instituições, o Estado e a ideologia racista do capital. A ideologia com a sua função de naturalização da inferiorização dos não brancos, as instituições na reprodução dessa ideologia a partir da divisão racial de poder na sociedade, e o Estado na sua capacidade historicamente repressora, de cunho marginalizante e violento, de aprisionamento e extermínio da população negra. Deste modo:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes

ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p.32)

De acordo com Fernandes (1920), esses fenômenos de estratificação racial, enquanto processo de formação de uma sociedade de classes determinada pela cor de pele de maneira a subalternizar os negros, explicam a criação de estereótipos e tipificações reservadas a esses, como sua suposta falta de capacidade de realizar trabalhos intelectuais ou que sejam de quaisquer aspectos valorizados, bem como a relação de estereótipo que se dá à sua imagem em atividades de criminalização social. Não ao acaso, mas com o propósito de excluir as negras e negros da competição no mercado capitalista e manter essa segregação, que se realizou a negação dos seus direitos e garantias, e a sua estigmatização na sociedade de classes.

Na sociedade brasileira, o racismo se manifesta enquanto forma sistêmica de repressão e controle da população negra, higienismo, responsabilização e culpabilização do indivíduo e principalmente discriminação provida de estereótipos, isto é, de preconceitos. Nesse aspecto, o racismo se põe como elemento fundamental para a atuação da divisão racial do trabalho, do abandono estatal, da violência policial, da violência judiciária e carcerária, do aprisionamento em massa e do genocídio da população negra, se fazendo assim enquanto um pilar para o bom funcionamento das instituições estruturantes do sistema capitalista. Contudo, ressaltamos que o racismo institucional somente pode existir por meio da reprodução de uma relação que já é estabelecida na sociedade por meio de práticas cotidianas. (ALMEIDA, 2019)

Considerando que o sistema capitalista existente produz e reproduz desigualdades patriarcais de gênero na sociedade, a divisão sexual do trabalho é um elemento determinante nessas relações de divisão social do poder, associando o trabalho produtivo aos homens (esfera da produção) e o improdutivo ou da reprodução às mulheres (posição de inferioridade). Desde os primórdios da história humana, sempre houve distinções entre os gêneros perante a realização das atividades em prol da garantia e reprodução da vida, conseqüentemente, perante a relação que estes estabelecem no convívio em sociedade.

Segundo Tabet (2014), nas sociedades de caça e coleta já era possível observar essa divisão de maneira clara, pois a partir do desenvolvimento de técnicas capazes de efetivar a caça de animais de grande e médio porte, o homem passa a ser o responsável pelas atividades de caça no espaço externo ao lar, enquanto que a mulher passa a ser a única responsável pelo cuidado e reprodução da vida, tendo em vista que, por fatores biológicos, ela era obrigada a permanecer por um longo período resguardada no seiofamiliar durante o período de gestação, parto e os

primeiros meses de vida da criança. A partir de então, a mulher se torna a referência de cuidados e garantia de satisfação da família inteira, ou seja, as diferenças são transformadas em desigualdades.

Com o aparecimento do capitalismo enquanto modelo societário na Europa e a crise populacional que se instalava no continente europeu no século XVIII, os conhecimentos das mulheres acerca dos seus processos reprodutivos e de controle da sexualidade exercidos desde as primeiras sociedades, inclusive na Idade Média, foram extinguidos socialmente com a repressão Estatal e o repúdio social. Desse modo, as mulheres foram expropriadas de qualquer forma de poder, sendo os seus corpos e sua vida propriedades judiciais dos homens, seja na função de pai, marido, irmão ou desconhecido. A institucionalização dessa relação patriarcal sobre os corpos das mulheres foi direcionada pelos interesses do capital na reprodução da força de trabalho, bem como na naturalização da mulher enquanto instrumento de servidão e manutenção da vida produtiva, isto é, à sua inferiorização social (FEDERICI, 2017).

Assim, no sistema capitalista, a mulher não somente permaneceu presa à esfera doméstica do trabalho, isto é, trabalho não remunerado e socialmente desvalorizado, como esse aspecto se tornou um dos pilares do capitalismo desde o seu surgimento, pois ao se apropriar do trabalho não remunerado da mulher nos afazeres domésticos, o capital garantia sua maior produtividade com menor custo de produção, considerando que o trabalho doméstico é necessário à sobrevivência humana e precisa ser realizado. A estratégia então era de que enquanto as mulheres asseguravam condições dignas de convivência e reprodução da vida no âmbito privado, os homens se encontravam disponíveis para vender sua força de trabalho no mercado industrial. Mesmo durante o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho formal europeu, ainda que ela produzisse o seu salário pelo próprio trabalho, o homem era quem recebia e administrava seus rendimentos (FEDERICI, 2017).

Nessa nova divisão sexual do trabalho, homem é, em “teoria”, o responsável por sustentar a família, sendo o trabalho em domicílio o mais compatível com as funções tradicionais da mãe de família. Seria de esperar que, se não a maioria, pelo menos grande parte das trabalhadoras do gênero tivessem encargos de família” (SAFFIOTI, 2013, p.93).

Essas relações estão em um processo constante de produção de desigualdades entre os sexos, incorporadas pela sociedade mediante a ideologia patriarcal dominante, definindo assim papéis sociais determinados por meio das funções sociais no sistema de divisão social, sexual e racial do trabalho. Portanto, não é o trabalho que cria essas discrepâncias entre homens e mulheres, mas sim o sistema

patriarcal, que já vem montando suas estruturas muito antes da consolidação do sistema capitalista. De acordo com Hirata e Kergoat (2009), a divisão sexual do trabalho possui dois princípios fundamentais e determinantes das relações sociais de sexo no âmbito do trabalho: o princípio da separação e o da hierarquização. O da separação consiste nessa divisão delimitadora dos papéis designados como femininos e masculinos na sociedade em todas as suas esferas, inclusive a do trabalho, separando, de fato, o trabalho a ser realizado por mulheres do trabalho que deve ser realizado por homens.

O princípio da hierarquização trata da valorização social do trabalho realizado por homens e mulheres, no qual os trabalhos realizados por homens são mais valorizados, têm mais credibilidade e prestígio, enquanto que os trabalhos realizados por mulheres são desvalorizados, destituídos de sua complexidade e se tornam indiferentes ao caráter e valor social da pessoa. Assim, ampliando um olhar crítico sobre as relações de trabalho entre sexos, percebemos que os homens estão em sua maioria ocupando os postos de trabalho de maior status e melhor remuneração, ao passo que as mulheres estão presentes com força maior em profissões socialmente desvalorizadas a exemplo de provenientes dos cursos de pedagogia, enfermagem, serviço social etc.

Tendo em vista a relação consubstancial de opressões de sexo, raça e classe que permeia a existência das mulheres negras, os desdobramentos dessa relação atingem diretamente a sua qualidade de vida e seu desenvolvimento autônomo na sociedade de classes. Estando em minoria nos espaços de decisão, há uma grande dificuldade de acesso a políticas públicas que atendam suas necessidades, igualmente no acesso ao direito de equidade social diante das cargas tributárias. Sendo assim, as que mais pagam impostos, ao mesmo tempo, são as que possuem as menores remunerações.

### **Expressões da consubstancialidade na vida e obra de Dona Ivone Lara**

A consubstancialidade das relações de sexo, raça e classe abarca a totalidade da vida social, de modo mais intenso e determinante indubitavelmente na vida das mulheres negras no Brasil. Dona Ivone Lara enquanto mulher negra nascida na periferia do Rio de Janeiro em meados dos anos 1920, teve sua trajetória marcada e determinada por essas relações.

Como mulher negra, cantora, compositora, instrumentista, enfermeira e assistente social, confrontando as determinações sociais de seu tempo, Dona Ivone Lara ganhou destaque nacional em um momento histórico onde o país acabara de sair de uma Ditadura Militar. Em meados da década de 1970, se tornou um

símbolo de resistência para o movimento negro e feminista brasileiro, bem como para a classe trabalhadora, através de suas composições de enfrentamento ao racismo, ao sistema patriarcal de gênero e ao sistema de exploração e discriminação classista. Mais que um símbolo de enfrentamento às opressões, Dona Ivone Lara ostentava o sentimento de orgulho negro e feminino, passando assim uma mensagem de valorização para essas parcelas da sociedade historicamente oprimidas e discriminadas.

Tendo perdido os pais muito cedo, se tornando órfã ainda na adolescência, Yvonne Lara teve uma trajetória de vida perpassada pela música desde sua infância, onde entrou em contato com grandes nomes da música popular brasileira como Dalva de Oliveira, Noel Rosa e Aracy de Almeida, entre outros, através do rádio de vizinhos, que ouvia e acompanhava com sua mãe cotidianamente. Ao chegar na adolescência com uma rica bagagem musical registrada em sua subjetividade, começou a ter aulas de canto no colégio interno em que estudava, Escola Municipal Orsina da Fonseca, sob a orientação de uma das maiores pianistas e regentes do país, a maestra Lucília Villa-Lobos (esposa de Heitor Villa-Lobos, um dos maiores musicistas da história nacional). Lucília percebeu em Yvonne um talento a ser explorado, lapidando sua qualidade vocal e ampliando seus horizontes para a música erudita de modo que em pouco tempo seu canto ganhou destaque entre as alunas do Orsina da Fonseca e logo se expandiu para além das fronteiras escolares.

Ao fim do ensino médio a cantora passou a morar com seu tio materno Dionísio Bento da Silva, motorista e entusiasta da música, com quem pôde ampliar seus conhecimentos acerca das canções, letras, melodias e instrumentos componentes da música popular e do gênero que se distinguia cada vez mais no Brasil desde meados da década de 1930, o samba. Assim, para além de intérprete, Yvonne também se tornou cavaquinista, através dos ensinamentos do tio em longas noites de estudo da música e ensaios. Sua habilidade com o cavaquinho representava mais um símbolo de enfrentamento às relações patriarcais de gênero, uma vez que o âmbito dos instrumentos musicais era majoritariamente ocupado pela dominação masculina. Em concomitante aos estudos da música em casa, Yvonne passou a estudar enfermagem na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Ao conquistar o título de enfermeira, trabalhou por oito anos à serviço do Ministério da Saúde, onde entrou em contato e se tornou grande parceira de trabalho da revolucionária psiquiatra Nise da Silveira, que utilizava a arte como meio de recuperação e ressocialização dos pacientes em internação, em contraponto aos tratamentos à base de drogas e instrumentos de tortura comumente utilizados à época, como a “cadeira elétrica”. Simultaneamente ao trabalho como enfermeira,

Yvonne estudava Serviço Social, de modo que logo se tornou Assistente Social, conciliando assim os conhecimentos adquiridos em ambas as formações na construção da sua atuação profissional comprometida com a garantia de direitos e da emancipação humana.

Desta forma, entendemos a obra de Dona Ivone Lara, como resultado de sua práxis, que reflete elementos da “questão social”, “questão cultural”, bem como das opressões raciais e patriarcais de gênero no Brasil, em seu tempo sócio-histórico. Pois, além de sua importância na transformação social realizada por meio do samba na sociedade brasileira, a artista e assistente social ampliou horizontes à participação feminina no âmbito da música nacional, como forma de enfrentamento às relações patriarcais de gênero no país.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando por referencial a teoria da práxis humana de Marx, enquanto prática humana orientada de acordo com uma intencionalidade, que ocorre primeiramente no campo da teleologia, isto é, se constitui primeiramente no plano das ideias de modo a determinar os processos de trabalho conseguintes que concretizarão determinada finalidade; podemos dizer que a práxis artística-cultural se constitui como uma prática que modifica o próprio ser social e a sociedade. Ela se manifesta a partir não somente da atividade de objetivação em prol de um fim, se manifesta consonantemente diante de um processo que advém da sensibilidade humana e sua necessidade de expressão, baseada em seus pensamentos, sentimentos, vivências e percepções que transcendem a prática cotidiana.

Entendendo a formação social brasileira de acordo com a formação desses fenômenos sociais desencadeados pelo processo de consolidação do capitalismo no Brasil, a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético de Marx, podemos compreender a produção artístico-cultural, ou seja, o exercício da práxis artístico-cultural brasileira, como um resultado da relação recíproca entre as bases materiais que constituem a sociedade e as relações sociais que se desenvolveram durante a história.

Neste sentido, podemos compreender a obra da cantora e compositora Dona Ivone Lara enquanto uma representação da práxis artístico-cultural que reúne em sua particularidade o conjunto consubstancial de questões sociais no Brasil (de sexo, raça e classe), uma vez que a artista foi uma mulher negra e parte da classe trabalhadora brasileira, reunindo em sua subjetividade, em sua vida e na sua prática artística, expressões de elementos particulares da sociabilidade capitalista.

Muito além da sua representação social, Dona Ivone Lara foi também um dos nomes mais importantes da história do samba, isto é, da música popular brasileira, tornando-se a sua grande protagonista do gênero feminino. A então primeira mulher compositora a compor um samba-enredo intitulado “Os Cinco Bailes Tradicionais da História” que estreou na avenida carnavalesca carioca no ano de 1965, instaurou o protagonismo feminino em um âmbito artístico majoritariamente masculino, portanto, marcado pelas relações de poder patriarcais de sexo.

Durante sua carreira como um todo, Ivone trouxe destaque para pautas negras, populares e antipatriarcais de maneira melodiosa, de forma a alcançar a classe trabalhadora na difusão de discussões dificilmente acessadas. Através de “Sorriso negro”, “Nasci para sonhar e cantar”, “Acreditar” e tantas outras canções eternizadas em sua voz, um legado de resistência, consciência social e representatividade foi consolidado como herança do Brasil.

Deste modo que podemos dizer que a história de Dona Ivone, sua obra e a história do samba em todo seu significado social na realidade brasileira se constroem inerentemente uma como parte da outra. Assim como entendemos sua vida e obra como uma expressão da consubstancialidade das questões racial, cultural e social no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo as relações sociais brasileiras como constituídas e determinadas por uma base material particular de um modo de produção dominante que se desenvolveu tardiamente, sendo, portanto, marcado pelas relações sociais e produtivas do modelo escravista colonial, compreendemos os impactos prolongado dessa formação social na história e na sociabilidade.

Deste modo percebemos a formação da “questão social” no Brasil, determinantemente marcada pelos vestígios de uma formação social de herança colonial, onde os processos de discriminação e opressão raciais não foram superados com a transição do modo produtivo e passaram a se desenvolver de maneira consubstancial com as relações de classe (em um contexto de exacerbação da exploração do trabalho de um capitalismo dependente) e patriarcais de gênero (alicerçadas na divisão sexual do trabalho).

Analisando a cultura dessa formação social sob a perspectiva marxista, entendemos a cultura como um modo de vida e produção artística que expressa as determinações presentes na sociabilidade, portanto na vida material dos sujeitos. A partir dessa ótica, observamos a cultura popular nacional se formar em

meio à uma “questão cultural”, como um movimento de exteriorização artística que representa os interesses e expressões da classe trabalhadora, em contraponto e em resistência à cultura hegemônica europeia que se instalou de maneira dominante no território ao longo de sua trajetória sócio-histórica por meio da dominação burguesa.

Deste modo, podemos perceber a práxis artístico-cultural de Dona Ivone Lara como uma expressão indissociável do conjunto de determinações sociais próprios da sociabilidade capitalista, que se exterioriza com um cariz de resistência e enfrentamento ao sistema vigente e de conscientização das classes subalternas acerca das violações vivenciadas.

## REFERÊNCIAS

BRAZ, Marcelo. “O samba entre a ‘questão social’ e a questão cultural no Brasil”. In BRAZ, M (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a” questão social” e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

BURNS, Mila. **Dona Ivone Lara: sorriso negro**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. “**Cultura e Sociedade no Brasil**”. In BRAZ, M (org.). **Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a” questão social” e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. São Paulo: Tempo, 2014.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política. Uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2007.

NOBILE, Lucas. **Dona Ivone Lara: A Primeira-Dama do Samba**. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2018

SANTOS, JOSIANE S. **Questão Social: particularidades no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012.

TINHORÃO, J. R. **História Social da música popular brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofía de la praxis. Colección Teoría y Praxis.** México: Editorial Grijalbo, 1980.